



# Mulheres avançando a passos largos!

Nos últimos anos, as mulheres brasileiras têm dado continuidade à luta por respeito e reconhecimento, assumindo um papel de protagonismo no país em diversos campos de atuação.

Na política, nas artes, na economia, na cultura e na educação, nomes como o da deputada Manuela D'Ávila, da escritora Conceição Evaristo, da cantora Elza Soares, da ex-presidenta

Dilma Rousseff, de diversas atrizes, cantoras, ativistas sociais e políticas, têm despontado e angariado cada vez mais admiradores e seguidores – seguindo uma linguagem atual de ampliação da plataforma de luta, que além das ruas, ganham cada vez mais voz nos ambientes virtuais das redes sociais.

Leis foram criadas e difundidas,

ações, redes de apoio, tudo para fortalecer esses laços feministas e reafirmar que queremos e podemos ter os nossos espaços de poder.

Veja abaixo algumas conquistas alcançadas pela luta das mulheres na última década. Desfrute dessas conquistas, se alie e participe das atividades para que mais avanços sejam alcançados.

## Primavera das mulheres brasileiras

O ano em que a então presidenta Dilma Rousseff sancionou o assassinato de mulheres como Feminicídio, através da Lei 13.104/15, também foi o ano em que as mulheres invadiram as ruas com palavras de ordem pela igualdade de gênero, contra a violência e a opressão, e à favor da liberdade sexual.

A violência contra a mulher foi o ponto central e é ainda um tema que figura quase que diariamente o noticiário brasileiro. Em 2015, um caso de estupro coletivo chocou o movimento de mulheres por conta da culpabilização da vítima pela mídia.

As mulheres foram às ruas repudiar

a violência e plantaram sementinhas que deram frutos: as pautas abordadas ganharam espaço em instituições públicas e privadas, que passaram a abordar campanhas contra o machismo, produzir matérias sobre o feminismo e promover atividades voltadas para discussão da violência contra a mulher.

## Feminicídio

Sancionada em 2015, a Lei do Feminicídio - transforma em crime hediondo o assassinato de mulheres pelo fato de serem do sexo feminino.

Infelizmente, apesar dos 14 anos da existência da Lei Maria da Penha e de cinco da Lei do Feminicídio, é crescente o número de mulheres assassinadas no País.

O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídios, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). Dados divulgados no ano passado pela Artigo 19, ONG de Direitos Humanos

que atua na área há mais de 30 anos, indicam que no Brasil, entre 1980 e 2013, 106.093 pessoas morreram por serem mulheres.

Campanhas como as que denunciaram a chamada Masculinidade Tóxica, que é quando parceiros, em sua maioria homens, tratam as suas companheiras com sentimento de posse a ponto de proibí-las de executar tarefas corriqueiras como estudar, trabalhar, conviver com amigos e familiares, etc, são sempre celebradas.

“Nomear os homicídios contra as mulheres têm o propósito de jogar luz



sobre essa causa, sobre essa desigualdade sobre a qual temos que lutar, temos que combater por meio de políticas públicas, e principalmente políticas preventivas, que atuem na área da educação”, explica a socióloga Wania Pasinato.



## CUT Bahia elege a sua primeira presidenta

Há anos a Central Única dos Trabalhadores – CUT tem executado uma série de ações visando a maior participação das mulheres nos espaços de poder. A seção baiana da maior central sindical da América da Latina – CUT Bahia, elegeu a sua primeira presidente, que vai gerir a entidade no quadriênio 2019/2023.

Oriunda do movimento rural, Leninha foi eleita por ampla maioria de sindicalistas no último congresso realizado pela CUT, no final de 2019.

# Lei Maria da Penha

A Lei Maria da Penha surgiu no ordenamento jurídico brasileiro como consequência da condenação do país no sistema Interamericano de Direitos Humanos. Foram 20 anos de luta até que o agressor de Maria da Penha Maia Fernandes fosse punido pelas violências praticadas contra a sua então esposa, e isso só aconteceu quando o seu caso foi processado internacionalmente.

A violência contra a mulher é uma espécie de violência de gênero e não seu sinônimo. Existem diversas formas que a violência de gênero pode ocorrer: violência familiar, violência doméstica, violência em relações íntimas de afeto, assédio

moral e sexual no trabalho, transfobia, homofobia e assim por diante.

A relação íntima de afeto engloba “ficantes”, namorados, maridos, companheiros etc, mesmo que o relacionamento já tenha terminado. A lei reconhece 5 tipos de violência nestes contextos: sexual, psicológica, moral, física e patrimonial.

Se você presenciar ou for vítima de violência contra a mulher não se omite, ligue para o 180 ou faça a denúncia para as autoridades. Omissão também mata.

Fonte: <https://catracalivre.com.br/cidadania/13-anos-da-lei-maria-da-penha-entenda-quando-ela-pode-ser-usada/>

## Projeto de Lei quer levar prevenção de violência contra mulher para o currículo escolar



Está em tramitação na Câmara dos Deputados um Projeto de Lei que visa alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluir na grade curricular o tema de prevenção à violência contra a mulher nas salas de aulas. Em Alagoas, por exemplo, a Secretaria Estadual da Mulher e dos Direitos Humanos já leva aos alunos e professores o Projeto Maria da Penha nas Escolas, com o objetivo de divulgar essa questão, e incentivar sobre a denúncia.

**O projeto é do deputado Fábio Henrique (PDT/SE).**

Fonte: <https://www.geledes.org.br/por-que-e-equivoco-pensar-que-a-lei-do-feminicidio-e-solucao-para-violencia-fatal-contra-as-mulheres>

### VEJA AQUI O CALENDÁRIO DE AÇÕES DA CAMPANHA:

DATA	EMPRESA
09/03	LIQ
10/03	Tel ACM
11/03	Tel Feira de Santana
12/03	Atento Cabula
13/03	Atento Uruguai

\*A nossa programação irá contemplar as demais empresas do setor.

## #EleNão



Não podemos deixar de citar as atividades iniciadas nas redes sociais, uma importante ferramenta de denúncia, discussões, abordagens de mulheres, assim como principal reduto de elaboração de campanhas socio-educativas.

E foi nesse ambiente virtual, que mulheres de diversas localidades encamparam o movimento político #EleNão, que saiu do modo online e ganhou musculatura no mundo real, em cidades de diversas regiões do País.

Ao marchar, as mulheres denunciaram as diversas exposições machistas e discriminatórias de um político sem propostas inclusivas ou que contemplassem a diversidade da população; que semeava o discurso de ódio, a violência e o preconceito.

Além de ganhar o apoio das comunidades, a campanha #EleNão foi aderida por figuras populares e artistas nacionais e internacionais, como Camila Pitanga, Ana Cañas, Vanessa da Mata, Liniker, Madonna, Pastor Henrique Vieira, dentre outros.

